

Representações

DO OUTRO na narrativa DE VIAGEM OITOCENTISTA*

Maria de Fátima Outeirinho
Universidade do Porto

A dimensão de Estrangeiro, sempre presente numa cultura nacional, passa por práticas discursivas várias e concorrentes em que a dilucidação da suposta singularidade de um povo decorre do hábito, já vetusto, de congregar e eleger traços identificadores do Outro,¹ tendo lugar, com frequência, uma perpetuação trans-secular de imagens estereotipadas.² Tais práticas decorrem da existência de um eu que olha o outro, necessariamente a partir de si, e que, ao falar do outro, se implica em construções de alteridade, mas também em construções de identidade, mesmo quando a tomada de consciência de tal processo não tem lugar.

>>

A narrativa portuguesa de viagem no estrangeiro, de que nos temos vindo a ocupar em diversos momentos, é exemplo de uma modalidade discursiva fecunda em representações que se constituem como auto-imagens bem como hetero-imagens, emergentes do processo indissociável entre identidade e alteridade, e ancoradas num imaginário colectivo em que o olhar para dentro e o olhar para fora se convertem em movimentos iterativos que se acompanham, se entrelaçam, se sucedem.

Se na narrativa de viagem por nós estudada desde logo o encontro com o Outro potencia a atitude comparativa que, de forma simplista, poderíamos denominar de detecção de semelhanças e diferenças, e, portanto, estimula uma reflexão sobre o espaço cultural da nação de pertença, tal reflexão apresenta-se, por vezes, na esteira de uma preocupação verbalizada pelos

nossos primeiros românticos em repensar/refundar a Nação, empreendendo com esse fim uma busca de pilares estruturantes de uma identidade nacional que não pode deixar de ser entendida face a uma memória colectiva a reavivar, face ainda a uma inscrição de Portugal na Europa.³ Variando de autor para autor a necessidade de problematizar e dissertar sobre tais questões, já que cada narrador-viajante elege ou não o exercício da cidadania como uma presença constante na sua produção escrita e cada narrador-viajante assume uma relação mais ou menos mercantil da actividade literária, mais ou menos comprometida com uma função de entretenimento da escrita, certo é que a experiência do estrangeiro não pode deixar de conduzir a um pensar o país de origem, ora através duma reflexão elaborada, ora através duma reflexão rudimentar e incipiente.

Voluntariamente, o *corpus* que tem vindo a ser por nós trabalhado situa-se, em termos cronológicos, no século XIX e, em particular, a partir de meados do século, momento em que a prática cultural da viagem começa a ganhar contornos importantes em Portugal, numa adesão a um turismo progressivamente invasor e que o homem europeu conhecerá. Momento igualmente de expansão e desenvolvimento do periodismo. O jornal, a revista são veículos que permitem fazer chegar o objecto impresso a um público mais alargado de modo mais célere, permitindo a partilha e expansão de um discurso tendencialmente unificador em torno do Eu e em torno do Outro.⁴ É, pois, no espaço periodístico, disponível e sensibilizado para acolher os relatos de viagem, dar eco de obras e autores que à viagem se entregam, que recortámos o conjunto de textos, objecto do nosso estudo, sinal de uma prática assinalável de escrita e de leitura em torno da viagem.

A partilha e expansão de um discurso tendencialmente unificador a que aludimos, consequência última de uma maior difusão deste tipo de narrativa, ganha tanta mais importância quando se trata de pensar um imaginário colectivo, quando tais relatos resultam duma experiência vivida, de valor testemunhal

portanto, e que uma escrita quase sempre na primeira pessoa e de matizes memorialísticos faz ressaltar. Com efeito, a narrativa de viagem, de que nos ocupamos, parte do factual, muito embora possa vir a incorporar narrativas ficcionais de entrecho sentimental como acontece em António Pedro Lopes de Mendonça, Júlio César Machado ou António Augusto Teixeira de Vasconcelos. Porém, o relato de viagem incorpora sobretudo uma memória livresca grandemente de raiz literária, feita de poesia, narrativa ou drama, fazendo com que uma narrativa factual de base trabalho, com frequência, uma pseudoreferencialidade, num grau maior ou menor de articulação com uma dada realidade empírica.⁵

>>

O conjunto de sínteses que passamos a enunciar assume-se como um balanço provisório decorrente da reflexão de cariz imagológico em torno dessas narrativas várias, inicialmente oferecidas nas páginas de jornais e revistas oitocentistas, de imediato publicadas em livro, e que obviamente não esgotam toda a produção oitocentista em torno da experiência do Estrangeiro através da viagem.⁶ A opção por uma perspectiva de estudo imagológica decorre do peso das representações do Outro que os literatos portugueses constroem e/ou reproduzem quer face à realidade nacional quer face à realidade estrangeira, afigurando-se-nos útil tal abordagem pela possibilidade de detecção de um imaginário cultural de uma época.

Como observámos em estudo anterior, apesar da diversidade que decorre do modo singular do trabalho autoral com e na linguagem que decorre ainda da particular "geografia do olhar e da curiosidade" do viajante, os diversos relatos encontrados apresentam entre eles "um certo ar de família" (Outeirinho, 2002: 290 e 293) que se firma em estratégias várias. Desde logo, lembremos o grande bordão cognitivo que é o uso da comparação, por todos os viajantes inelutavelmente envergado para estabelecer pontes ou denunciar fossos entre cultura de partida e cultura estrangeira, entre diferentes culturas estrangeiras de que já se tem um saber experiencial, entre

um imaginário de que se é portador e o observado, com a consequente e recorrente aferição desse imaginário face à realidade empírica do país visitado. Ora, mesmo quando se reconhece a iniludível inadequação, tem lugar um processo de perpetuação de imagens que justifica a circulação transtemporal de representações do Outro, estereótipos sem correlato no real e que, no entanto, continuam a funcionar num discurso construído em torno do estrangeiro.⁷ A consciência da inadequação referida resulta ainda na confissão de desapontamento experimentada e no frequente lamento por parte do viajante face à perda do genuíno e do pitoresco (cf. Visconde de Benalcanfor, 1876: 196), testemunhando em suma a existência de uma porosidade entre culturas que o homem oitocentista na condição de viajante em terra estranha europeia vê como disfórica.

A generalidade dos textos rastreados manifesta uma clara preocupação do autor do relato em inscrever-se numa tradição genológica pela convocação, numa etapa preambular ou ao longo da narrativa, dos textos fundadores do género ou dos textos fundadores relativos ao espaço viajado, estratégia afinal de legitimação da obra e do autor.⁸ O *déjà lu* rememorado, comentado, não é entendido como uma fragilidade discursiva e autoral, mas, pelo contrário, é valorizado na medida em que permite a instauração de um pacto de leitura, a criação duma rede de cumplicidades com o leitorado da época, também ele na posse desse saber em circulação. Processo de reconhecimento para o viajante bem como para o leitor, a glosa continua a assegurar a perpetuação de imagens e faz da narrativa de viagem um extenso palimpsesto. Na verdade, nas narrativas de viagens trabalhadas constata-se que, mais do que construir um imaginário pessoal, trata-se sobretudo de lidar com um imaginário colectivo grandemente erguido sobre leituras que o narrador-viajante transporta consigo para onde quer que vá e nestas narrativas, tal como sucede nos relatos de viajantes franceses em Espanha, relembrados em *Múltiples Moradas* por Claudio Guillén: "El viaje no es pretexto de saber, o de entendimiento, sino de escritura y

reescritura" (Guillén, 1998: 349). Assim, toda a narrativa de viagem como que dá conta do estado do campo, apelando sobretudo a uma memória e saber livrescos, quase sempre de matriz francesa, mas aproveitando também toda uma bagagem cultural adquirida através do teatro, prática de sociabilidade de eleição em Oitocentos. A ida ao teatro é ocasião para contactar com obras de autores estrangeiros que apresentam imagens construídas e/ou reproduzidas numa dada nação, mas rapidamente difundidas transnacionalmente por via da tradução (e os testemunhos do Visconde de Benalcanfor e de Júlio César Machado em *De Lisboa ao Cairo* e *Em Hespanha. Scenas de Viagem* são claros a respeito de tal facto). Este tipo de processo remissivo e a iterativa instauração de nexos coloquiais que interpelam, convocam e implicam o destinatário, resultam na delineação de uma poética do género, *vade mecum* da escrita e da leitura.

>>

A itinerância que decorre do percurso feito, do espaço visitado, e que se reflecte no tratamento dum material humano e patrimonial poliédrico, traz consequências ao nível da estruturação textual também ela itinerante, variada, descontínua (cf. Berchet, 1989: 11). Assim, assente na singular geografia do olhar do narrador-viajante, o relato oferece, a espaços, a breve notação do guia de viagem,⁹ a nota histórica, o episódio anedótico, a divagação poética, o diálogo, o segmento descritivo ou a efabulação. O *quantum satis* de cada ingrediente repousa na idiosincrasia de quem viaja, repousa igualmente na consciência aguda por parte do literato da época que se entrega ao relato, de que se espera dele uma escrita de entretenimento¹⁰ que combate a rotina, o tédio pela constante mudança de ritmo na leitura.

Os viajantes portugueses de Oitocentos que preferencialmente escolhem a Europa latina como espaço e destino de viagem, para além da atenção votada à monumentalidade ou à paisagem natural, conferem um lugar de destaque à figura humana estrangeira e lembremos apenas, no que respeita à figura masculina, a proverbial presença do inglês, o inglês-caricatura, incarnação do turista, adereço imprescindível no cenário mon-

tado (cf. Benalcanfor, 1876). O enfoque colocado na mulher, elemento caracterizador, por sinédoque, da paisagem e do povo observados, conflui, nas diversas narrativas, numa feminização do espaço visitado.¹¹ Como relatar a ida a Espanha e não falar da mulher espanhola com o seu salero, a mantilha, o leque e a sua sensualidade (cf. Machado, 1865: 159)? Ou como ir a França, ou melhor, a Paris e não falar da mulher parisiense, a elegante que dita a moda seguida em toda a Europa, com o seu *chic*, o seu bom gosto, o seu espírito (cf. Ortigão, 1868: 188)?

Por fim, um último denominador comum aos diferentes relatos: a procura da presença portuguesa. Que sabe o Outro sobre Portugal? Ou formulando a questão de um outro modo: o que é que o Outro desconhece da realidade portuguesa ou da história portuguesa? Que imagens de Portugal circulam no Estrangeiro?¹² Tais questões parecem estar sempre em pano de fundo na viagem portuguesa oitocentista. Por vezes mesmo, irrompe uma preocupação e atitude arqueológicas na procura e consequente registo de marcas e sinais portugueses deixados nos vários espaços europeus que se visitam.¹³ E, com frequência, desta necessidade narcísica, tão humana, resulta a dolorosa consciência de Portugal não se poder ver reflectido em águas estranhas. A construção de auto-imagens ocorre então.

Assim, a forte dimensão de estrangeiro que a narrativa de viagem oitocentista manifesta, não nos importa tanto pela (im)possibilidade de responder a perguntas do tipo: qual a nossa identidade? Ou: há uma identidade portuguesa?, mas pela oportunidade que oferece de análise de todo um processo de construção de imagens a partir da experiência efectiva da viagem e que passa, inquestionavelmente, pela produção/reprodução de representações do Outro a conduzir de modo inevitável a uma reflexão identitária que agrega, pelo menos numa dada época, autores e leitores, revivificando o pensar Portugal. Como, de modo superficial, Júlio César Machado sintetizava:

Ao portuguez, talvez mais do que a ninguem serve o viajar. Faz com que estime o nosso paiz, a nossa gente, as nossas cousas, mais do que as estimam os que nunca de cá saíram, e cuidam que tudo é ótimo lá por fora e mau cá por dentro. Com o viajar lucra o portuguez por dois feitios: alcança ser mais portuguez depois da viagem do que antes o era: e póde alcançar tambem, o que não é peor, não ser portuguez...de mais!... (Machado, 1874)

Com efeito, o relato de viagem revela um questionamento identitário bem como uma aferição da identidade nacional pela experiência feita no espaço do Outro.¹⁴ Além do mais, a narrativa do viajante não só dá conta da transposição de fronteiras físicas, geográficas, como ainda da diluição de fronteiras no que respeita a um saber literário em circulação e que relativiza a própria noção de literatura e cultura nacionais. A narrativa de viagem oitocentista testemunha afinal, através do apelo a uma memória cultural em constante presentificação, e que não é de sinal exclusivamente português, a situação periférica do mundo cultural luso no polissistema europeu da época e o português é aquele que afinal simultaneamente está na Europa e aquém dela. <<

>>

NOTES

*A presente comunicação insere-se no projecto "Literatura e Identidades", do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação (POCTI), do Quadro de Apoio III.

[1] Cf., por exemplo, a prática discursiva que é o anedotário, em circulação num dado espaço nacional, em que a suposta singularidade de um povo é trabalhada de modo humorístico. Ainda recentemente, circulava na *internet* um rol extenso de anedotas que tinham como denominador comum a singularidade do carácter espanhol. Destaquemos dois dos muitos enunciados aí oferecidos que nos servem na exacta medida em que dão um testemunho involuntário de tal processo. O primeiro:

- Como se faz para reconhecer um espanhol numa livraria?
- Ele é o que pede o mapa-múndi de Madrid.

Ou o segundo:

De acordo com recentes estatísticas, de cada 10 espanhóis, 11 sentem-se superiores aos outros 10.

[2] Cf. "Pues las imágenes del extranjero, como las convenciones sociales y artísticas, suelen tener algo en común, su reiteración a lo largo de muchos años. Colectivas, pertinaces, longevas, se mantienen firmes, como tales *idées reçues*; o bien van evolucionando y cambiando, para ser sustituidas por otras; e incluso para volver a adquirir, tras un tiempo de hibernación nueva vida" (Guillén, 1998: 347).

[3] Cf. *Recordações de Italia* de Lopes de Mendonça em que a ideia de decadência ou do atraso civilizacional surge expressa (cf. Mendonça, t.I, 1852: XIII) ou ainda quando se regista o restrito conhecimento sobre Camões que o Estrangeiro manifesta (cf. Mendonça, t. II, 1852: 129).

[4] Como refere Nora Moll "La contribución de la literatura al proceso de formación de una identidad nacional o colectiva sería la de crear un discurso unificador, capaz de contener y transmitir un conjunto de factores y símbolos reconocidos por todos los miembros de la comunidad" (Moll, 2002: 358-359).

[5] Dos autores estudados, Luciano Cordeiro seria aquele que mais próximo estaria da realidade empírica que experiencia. A sua obra *Viagens. Hespanha e França* (1874) ilustra esse mesmo facto.

[6] Cf. os estudos por nós publicados em torno da narrativa de viagem e indicados em **Bibliografia**.

[7] Obras como *Viagens na Terra Alheia* (1863) ou *Em Hespanha. Scenas de Viagem* (1865), respectivamente de António Augusto Teixeira de Vasconcelos e Júlio César Machado, são exemplo do que afirmámos.

[8] Os exemplos abundam em *Viagens na Terra Alheia* de Teixeira de Vasconcelos ou em *Madrid* (1872) de Manuel Pinheiro Chagas.

[9] O aparecimento e vulgarização, à época, dos guias dos viajantes justifica o menor peso da carga informativa no relato de viagem. De todo o modo, a maioria dos relatos

integra ainda algumas informações e conselhos para os futuros viajantes como é o caso das "Cartas de Viagem" publicadas no ano de 1876 pelo Visconde de Benalcanfor, no *Comércio do Porto*.

[10] Júlio César Machado tem consciência profunda de tal objectivo e função da narrativa de viagem.

[11] Tal procedimento não é porém específico da narrativa portuguesa de viagem oitocentista. Com efeito, Daniel-Henri Pageaux em "Variations sur l'exotisme ibérique et oriental", *Le Bûcher d'Hercule. Histoire, critique et théorie littéraires* (1996: 72), salienta o mesmo traço em relatos franceses.

[12] Tal preocupação é particularmente visível em Lopes de Mendonça.

[13] As obras de Teixeira de Vasconcelos, Ramalho Ortigão ou Júlio César Machado, como em *Do Chiado a Veneza* (1867), dão testemunho disso.

>>

[14] Como afirma Nuno Júdice, "o regresso obriga-o a confrontar-se com a sua realidade e a ver a diferença entre o espaço do real (*o mundo*) e o espaço da viagem (*o outro mundo*). De facto, o olhar que ele lança sobre o real depois do percurso da viagem, mesmo quando esta é feita pela mediação da leitura, é um olhar diferente, no qual se inscreve a descoberta do *aqui* e do *além*, do *antes* e do *depois* da experiência de viagem/leitura" (Júdice, 1997: 622).

BIBLIOGRAFIA √

Benalcanfor, Visconde (1876), "Cartas de Viagem. A ilha de Capri – A Gruta Azul. XL", *O Commercio do Porto*, 2 de Abril.

-- (1876), "Cartas de Viagem", *O Commercio do Porto*, 3 de Setembro.

-- (1876), *De Lisboa ao Cairo. Scenas de Viagem*, Lisboa, Porto, Liv. Internacional de Eugenio e Ernesto Chardron.

Berchet, Jean-Claude (1989), "Introduction", *Le Voyage en Orient. Anthologie des Voyageurs Français dans le Levant au XIXe Siècle*, Paris, Robert Laffont, coll. "Bouquins".

Guillén, Claudio (1998), "Tristes tópicos: imágenes nacionales y escritura literaria", *Múltiples Moradas. Ensayo de Literatura Comparada*, Barcelona, Tusquets Editores, pp.336-367.

Júdice, Nuno (1997), "A viagem entre o real e o maravilhoso", *Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 621-627.

Machado, Julio Cesar (1865), *Em Hespanha. Scenas de Viagem*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira.

-- (1874), "Viajar", *Diario de Noticias*, 17 de Dezembro.

Mendonça, Antonio Pedro Lopes de (1852), *Recordações de Italia*, II tomos, Lisboa, Typ. da Revista Popular.

Moll, Nora (2002), "Imágenes del 'Otro'. La Literatura y los Estudios Interculturales", *Introducción a la Literatura Comparada*, org. Armando Gnisci, Barcelona, Editorial Crítica, pp. 347-389.

Ortigão, Ramalho (1868), *Em Paris*, Porto, Typographia Lusitana.

Outeirinho, Fátima (2003), "A crónica de viagem", *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras*, dissertação de doutoramento apresentada à FLUP, pp.166-209.

-- (2002), *A Viagem a Espanha. Em torno de alguns relatos de viagem oitocentistas*, sep. da *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*.

-- (2000), "Representação do outro e Identidade: um estudo de imagens na narrativa de viagens. Um estudo de caso: a narrativa de viagem oitocentista", *Cadernos de Literatura Comparada*, nº 1, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, pp. 101-118.

Pageaux, Daniel-Henri (1996), "Variations sur l'exotisme ibérique et oriental", *Le Bûcher d'Hercule. Histoire, critique et théorie littéraires*, Paris, Honoré Champion.